

2ª PARTE

ESTUDOS

Literatura Feminina Cearense – Introdução

Dimas Macedo

A participação da mulher na literatura cearense, ainda que possa ser julgada inexpressiva, não seria merecedora do desprezo a que tem sido relegada pelos nossos historiadores. Talvez com as honrosas exceções de Sânzio de Azevedo e Otacílio Colares, responsável, este último, pela redescoberta de Emília Freitas e Francisca Clotilde, correto seria afirmar que a historiografia literária cearense carece de informações acerca da produção literária das nossas escritoras.

Tal como aconteceu com os Oiteiros, marco inicial da nossa formação literária, o ingresso da mulher na literatura cearense realizou-se através da poesia, cabendo indiscutivelmente a Úrsula Garcia o privilégio de ser a primeira poetisa a assinalar a sua presença no panorama da nossa evolução literária.

Insere-se essa poetisa no período de formação da literatura feminina cearense, no qual, além do seu nome, floresceram os de Ana Nogueira Batista, Emília Freitas, Francisca Clotilde, Ana Facó e Alba Valdez, que estiveram em evidência entre a última década do século dezenove e as primeiras décadas do século precedente.

Nasceu Úrsula Garcia da Costa Barros em Aracati, aos 03 de março de 1864, e faleceu no Recife, aos 26 de julho de 1905. Colaborou em jornais e revistas do Ceará e, em Pernambuco, registrou assídua presença nas páginas de *O Lyrio*, e ali publicou *O Livro de Bela*, em 1901, segundo Raimundo de Menezes, no seu *Dicionário Literário Brasileiro* (Rio, 2ª ed., 1978).

Para Luiz da Câmara Cascudo, Úrsula Garcia foi “um espírito tranquilo e doce, a exemplo das moças prendadas de outrora. Escreveu muito, mas sua produção está esparsa e ignorada. Diversos artigos de política regional, de sua autoria, divulgados sem assinatura, eram dados como pertencendo aos jornalistas do tempo, tal a graça do retoque, a delicadeza do estilo, a finura dos reparos e a força convincente da argumentação”.

Filha de João Nogueira Rabelo e de Teresa de Albuquerque Nogueira Rabelo, Ana Nogueira Batista nasceu no Icó, aos 22 de outubro de 1870, e faleceu em Niterói (RJ), em 22 de maio de 1967. Colaborou em diversos jornais e revistas do Ceará e de outros Estados, especialmente em *O Pão*, de Fortaleza; *O Rio Negro*, de Manaus; *A Província do Pará*, de Belém; *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro; e *Cidade de Campinas*, de São Paulo.

No Recife, para onde se transferiu, em 1899, foi redatora de *O Lyrrio*. Deixou inédito um livro de poemas: *Carmes*, e era esposa do poeta Sabino Batista, o Sátiro Alegrete da Padaria Espiritual.

A Emília Freitas, nascida na antiga Vila de União, hoje Jaguaruana, aos 15 de janeiro de 1855, e falecida em Manaus, aos 18 de outubro de 1908, cabe o pioneirismo de ter sido a primeira romancista cearense e a primeira mulher a publicar um livro de poemas no Ceará. De sua autoria é o inventário de poesias: *Canções do Lar* (Fortaleza, Tipografia Universal, 1891), bem como o romance *A Rainha do Ignoto*, antecipador da literatura fantástica no Brasil, e que foi editado em Fortaleza, em 1899. Escreveu ainda o romance *O Renegado*, o qual, se realmente foi dado a público, seria hoje raridade bibliográfica.

Contista, romancista, teatróloga e jornalista, Francisca Clotilde Barbosa Lima nasceu em Tauá, aos 19 de outubro de 1862, e faleceu em Fortaleza, aos 08 de dezembro de 1932. De sua autoria são os livros: *Lições de Aritmética* (1889) e *Coleção de Contos* (1897), bem como o romance *A Divorciada* (1902) e as peças de teatro: *Fabiola* e *Santa Clotilde*. Além destes livros, deixou inúmeras poesias estampadas em jornais e revistas.

Participou da campanha abolicionista e se posicionou como uma das pioneiras do movimento feminista, tendo fundado a Liga Feminina Cearense. Por conta do seu romance *A Divorciada*, considerado uma grande ousadia para a época, foi praticamente proscrita da sociedade fortalezense, vivendo o resto da sua existência em cidades do interior, especialmente em Baturité e Aracati.

Ana Facó, um nome injustificadamente esquecido, quando não, mal interpretado pelos nossos historiadores, nasceu em Beberibe, aos 10 de abril de 1855, e faleceu em Fortaleza, aos 22 de junho de 1922. Foi, sobretudo, romancista, contista, teatróloga, poetisa e memorialista. Sua obra literária, constante de seis volumes, foi publicada entre 1937 e 1938, segundo sua biógrafa Geraldina Amaral. Integram-na os romances: *Nuens* e *Rapto Jocosos*, o livro de contos: *Minha Palmatória*, o inventário de peças teatrais: *Comédias e Canções*, um volume de *Poesias* e um caderno de reflexões e reminiscências: *Páginas Íntimas*, livros, segundo a crítica, considerados da melhor qualidade.

Artur Eduardo Benevides, no seu livro: *Evolução da Poesia e do Romance Cearenses* (Fortaleza, 1976), embora reconhecendo a existência de dois romances de Ana Facó, termina arrolando o seu nome entre os "poetas sem livros publicados". Já Marcelo Costa, na sua *História do Teatro Cearense* (Fortaleza, 1972), sequer faz alusão ao seu nome, o que não deixa de ser uma omissão. O mesmo diga-se com relação a Braga Montenegro, que preferiu ignorar o nome de Ana Facó quando da elaboração do seu monumental ensaio: *Evolução e Natureza do Conto Cearense* (Fortaleza, 1951).

Alba Valdez, pseudônimo de Maria Rodrigues Peixe, nasceu na então Vila de Uruburetama, hoje cidade de Itapajé, aos 12 de dezembro de 1874, e faleceu em Fortaleza, aos 05 de fevereiro de 1962. Pertenceu ao Centro Literário, ao Instituto do Ceará e à Academia Cearense de Letras. Em 1889, diplomou-se professora pela Escola Normal de Fortaleza e, em 1904, fundou a Liga Feminista Cearense, agremiação da qual foi presidente. Além de farta colaboração em jornais e revistas, publicou os livros: *Em Sonho* (1904) e *Dias de Luz* (1907), o primeiro de crônicas e páginas de ficção e o segundo de reflexões e recordações da adolescência.

A este grupo de mulheres pioneiras, deve ser juntado o nome de Abigail Sampaio, nascida em Paracuru, aos 09 de dezembro de 1897, autora de *Luar da Pátria* e *Átomos e Centelhas*, o segundo publicado em 1928. Seu nome figura em diversas antologias, bem

como no livro: *Evolução da Poesia e do Romance Cearenses*, de Artur Eduardo Benevides.

Era irmã da também poetisa Maria Sampaio, nascida em Paracuru, aos 07 de janeiro de 1888, e que figura na antologia: *Sonetos Cearenses* (Fortaleza, 1938), de Hugo Victor Guimarães. Maria Sampaio foi coautora de *Átomos e Centelhas*. Poemas de sua autoria foram publicados em *O Malho*, bem como nas revistas *Fon-Fon* e *Vida Doméstica*, do Rio de Janeiro. Foi professora em Paracuru e, posteriormente, em Fortaleza, onde lecionou em diversos estabelecimentos de ensino.

Em 1948, as poetisas Jandira Carvalho, Fernanda Brito, Maria de Lourdes Vasconcelos Pinto e Stefânia Rocha Bezerra publicaram o livro de poemas *Tetracorde* e, em 1952, tiveram os seus nomes incluídos na *Coletânea de Poetas Cearenses*, de Augusto Linhares. Posteriormente, Jandira Carvalho e Fernanda Brito veriam os seus nomes na *Antologia dos Poetas da Nova Geração*, publicada no Rio, em 1950, pela Editora Pongetti, com prefácio de Álvaro Moreira; e Stefânia Rocha Nogueira passaria a figurar no livro de Cândida Galeno: *Trovadores Cearenses* (Fortaleza, 1976).

Posteriormente, novas produções e novas poetisas vão aparecendo no cenário literário cearense, como é o caso de *Cantos e Preces* (1951) e *Pétalas ao Vento* (1958), de Dolores Furtado; *Meus Versos* (1962), de Maria Nilce de Sousa; *Zabumba* (1962) e *Hora Presente* (1968), de Augusta Campos; *É Outro o Meu Destino* (1965) e *Pensando em Você* (1970), da Irmã Paula Bezerra; *Divina Inspiração* (1967), de Teresinha Bedê; *Eterna Flama* (1968), de Aracy Martins; *A Escola Declama* (1968) e *A Rosa de Sol* (1974), de Risetete Cabral Fernandes; *Poesias, Lendas e Canções* (1968), *Rosana* (1974), *Poemas e Trovas que Falam* (1974) e *Poemas e Hinos* (1981), de Ana Frota Mendes; *Crepúsculo Iluminado* (1969), de Júlia Galeno.

A esse elenco, devem ser juntados os seguintes livros: *Rosas do Meu Sonhar* (1970) e *Sonata de Trovas* (1976), de Julieta Faheina Chaves; *Imagens e Fantasia* (1975), de Marinina Benevides; *Boletim de Poesias* (1977), de Beatriz Alcântara; *Momentos* (1979), de Ludmila

Mendonça; *Em Busca da Plenitude* (1980), da Irmã Aurélia Férrer; *Folhas ao Vento* (1980), de Fernanda Benevides; *Felicidade Procura-se* (1981), de Claudete Lima; *Estrela Inquieta* (1981), de Cléa Vasconcelos; *Somente Memórias* (1982), de Irani Augusto; *Viagem ao Redor de Mim* (1982), de Aíla Diogo; *Retalhos* (1982), de Maria Adélia Leitão; *Poesias* (1983), de Iracema Régis; *Raízes* (1983), de Luzinete de Lemos Araújo; *Flagrantes do Tempo* (1983), de Maria Eurenice Coelho; e *Cores* (1984), de Rita de Cássia Araújo.

A poetisa Angélica Coelho é autora de diversos livros: *O Orós em Delírio* (1962); *Luzes do Pensamento* (1963); *Ela e a Solidão* e *Nas Horas do Silêncio* (1966); *O Jangadeiro, Aquele Vaqueiro, São Sete Poemas, Fonte da Saudade* e *O Mundo das Ilusões* (1970); *Tiradentes, O Grito Real, Vida Eterna, Cantos dos Cantos, Nos Domingos Que São Meus e Todo Dia é Saudade* (1972). O seu nome será referido oportunamente, quando formos tratar da contribuição feminina à prosa de ficção.

Cumpre registrar, também, que anunciaram livros que nunca foram publicados as seguintes poetisas: Rachel de Queiroz: *Mandacaru*; Henriqueta Galeno: *Força Indômita*; Violeta de Paiva de Castro: *Voo Rasante*; Elma de Sousa Alves: *Vermelho e Amarelo em Campo Verde*; Maria de Lourdes Vasconcelos Pinto: *Poemas de Duas Faces*; Marly Vasconcelos: *Sala de Retratos*; Auristela Bezerra: *Sessenta e Cinco Sonetos*; Telma Helena Aragão: *Implosão*; Eliane Lopes: *Canto Juvenil*; e Maria Irene Nobre: *Rastros na Areia*. O livro *Radiatorama*, de Eva Paiva, é possível que tenha sido publicado, pois é dado por Hugo Victor Guimarães, nos *Sonetos Cearenses*, como estando no prelo em 1938.

No campo da longa ficção, merecem aqui referidos os nomes de duas escritoras inéditas: Julieta Filgueiras, autora de *Aroeira*, romance histórico baseado nas origens de Lavras da Mangabeira, e Auristela Bezerra, autora da novela *Em Busca do Amor*.

Henriqueta Galeno, nascida em Fortaleza aos 23 de fevereiro de 1887, e falecida na mesma cidade, aos 10 de setembro de 1964, é, como sabemos, a grande dama da literatura cearense. Além da poe-

sia, enveredou por outros gêneros literários, tendo organizado o livro: *Mulheres Admiráveis* (Fortaleza, 1965). Fundadora da Casa de Juvenal Galeno, a qual dirigiu por um período de quase meio século, sendo neste posto substituída por Cândida Galeno, outra expressiva figura de mulher a ilustrar a nossa literatura.

A Henriqueta Galeno deve-se a criação da Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno, em torno da qual têm gravitado as mais expressivas mulheres de letras do Ceará, como é o caso de Jandira Carvalho, Fernanda Brito, Geraldina Amaral, Ruth Alencar, Ana Frota Mendes, Dolores Furtado, Olga Monte Barroso, Nazareth Serra, Anahid Andrade, Risete Cabral Fernandes, Maria Orildes Sales Freitas, Maryse Weyne Cunha, Maria Ilma de Lira, Maria de Lourdes Vasconcelos Pinto, Alba Frota e Maria Adisia Barros de Sá, sendo esta última ensaísta das mais autorizadas, a quem muito devem o jornalismo e o ensino universitário cearenses.

Além dos seus escritos nas áreas da comunicação e da pesquisa filosófica, Adisia Sá é autora das seguintes teses acadêmicas: *Filosofia e Comunicação* (Recife, 1976) e *O Homem e os Espaços Existenciais como Formas de Comunicação* (Fortaleza, 1980).

Cândida Maria Santiago Galeno nasceu na cidade de Russas (CE), aos 18 de março de 1918, e passou a sua adolescência em Lavras da Mangabeira, transferindo-se depois para Fortaleza. É autora dos livros: *Humanismo Telúrico do Nordeste* (1971) e *Ritos Fúnebres no Interior Cearense* (1977), e de farta colaboração em antologias, publicações nas quais se revelou diligente ficcionista e exímia relatora de vivências do cotidiano.

No Ceará não nasceram, mas à literatura cearense se incorporaram, pelo fato de aqui terem residido e aqui terem publicado os seus livros, as poetisas: Serafina Pontes, carioca, autora de *Livro D'Alma* (1894); Carmelita Setúbal, amazonense, autora de *Retalhos D'Alma* (1963), *Gravetos de Sonhos* (1964) e *Trovas e Poemas* (1965), e do romance *Flor de Mandacaru* (1971); Alvina Gameiro, piauiense, autora de *Órfãos de Sonhos* (1967) e de *15 Contos que o Destino Es-*

creveu (1970); Rita de Lara, também amazonense, autora de *Lantejoulas* (1968); Marilita Pozzoli, paraibana, autora de *Enquanto Espero as Rosas* (1969) e *Atire a Primeira Flor* (1976); Baby Paes Fontenele, alagoana, autora de *A Vinha de Nabot* (1978); Rosalice Araújo, também alagoana, autora de *A Hora de Agora* (1978); Lourdes F. Araújo, paulista, autora de *Folhas Reunidas* (1979); e Margarida Alacoque, pernambucana, autora de *Canto Encanto Desencanto* (1983).

Citadas, ainda, em antologias ou em estudos literários cearenses, têm sido as poetisas: Maria Duarte, Maria Facó, Ilka Lira de Lucena, Otilia Franklin, Mirian Benevides Pamplona, Nívea Leite, Maria Salete Cavalcanti, Dulce Pereira, Neudira Gaspar, Maria Neuza de Barros, Fátima Girão, Célia Ribeiro, Glorinha Costa Lima, July Jacome de Mello, Maria Gonçalves, Francisca Maria Ximenes, Josélia Cavalcanti de Abreu, Maria Clara Nogueira, Lucíola Rabelo, Maria de Fátima Dou-rado e Fátima Mendes Araújo.

Com respeito a essas poetisas, diga-se que Maria Facó é natural de Beberibe, onde nasceu aos 10 de junho de 1886, e cuja produção precisa ser urgentemente resgatada; e que Maria Duarte é dada por Artur Eduardo Benevides como autora de livros cujos títulos ele não conseguiu identificar.

A fase renovadora da poesia feminina cearense aparece possivelmente com Yeda Estergilda, que em 1970, com plena consciência do fazer literário, publicou: *Mais um Livro de Poemas*, tendo retornado à atividade editorial em 1984, com o inventário de textos intitulado *Grãos*, publicado em São Paulo, pela Editora Massao Ohno.

O ano de 1973 marca a estreia de Marly Vasconcelos (*Água In-sone*, Fortaleza, Gráfica Editorial Cearense), a qual, até hoje, permanece autora de um único livro de poemas, porém com força suficiente para manter-se em posição de vanguarda. Em 1979, dá-se a estreia de Regine Limaverde, com um caderno de poemas: *Rio em Cheia*, o qual seria seguido de *Ressurgências*, em 1982, ambos revelando uma poetisa já no domínio da sua criação.

Outra poetisa a quem quero me referir é Rosa Batista de Lima, nascida em Fortaleza, aos 06 de dezembro de 1941, e autora do livro de poemas: *Ponto de Apoio* (Rio, Editora Fontana, 1980). Tem recebido referências elogiosas da crítica, bem como participado das antologias: *Chuva Fina*, *Respeitável Público* e *Doze Poetas Alternativos*.

Depois de Rosa de Lima, Regine Limaverde, Marly Vasconcelos e Yeda Estergilda, a grande revelação da poesia feminina cearense fica por conta de Marisa Biasoli, autora de *Noite Adentro* (1983). Sua estreia é de 1981, com o livro de poemas: *Em Silêncio*, editado de parceria com Cidinha Fonseca.

No entanto, por maior que tenha sido a inflação de poetisas na literatura feita no Ceará, o certo é que o destaque literário feminino das letras contemporâneas cearenses fica com a ficção, onde brilham os nomes de Rachel de Queiroz, Margarida Saboia de Carvalho, Heloneida Studart, Hilda Gouveia de Oliveira, Nilze Costa e Silva e Yolanda Gadelha Theófilo.

Mas é certo também que aqui poderíamos arrolar os nomes das seguintes romancistas: Angélica Coelho, autora de *Ritmos Humanos* (1949), *Decadência de Uma Geração* (1963) e *Festival de Tormentos* (1970); Maria Ilma de Lira, autora de *Serrinha* (1961); Stela Nascimento, autora de *Mulungu* (1973); Carminha Clark Nunes, autora de *Migalhas de Felicidade* (1978); Elza Batista Aragão, autora de *Janina* (1981) e *Caminhos da Humanidade* (1983); e Helena Cunha, autora de *O Grito do Silêncio* (1983).

Rachel de Queiroz, integrante da Academia Brasileira de Letras, nasceu em Fortaleza, aos 17 de novembro de 1910, e se tem destacado como jornalista, cronista, teatróloga e, principalmente, romancista. São de sua autoria: *O Quinze* (1930), *João Miguel* (1932), *Caminhos de Pedra* (1937), *As Três Marias* (1939), *A Donzela e a Moura Torta* (1948), *100 Crônicas Escolhidas* (1950), *Lampião* (1953), *A Beata Maria do Egito* (1958) e *Dora Doralina* (1975).

Margarida Saboia de Carvalho nasceu em Fortaleza, aos 23 de setembro de 1905, e faleceu na mesma cidade, aos 09 de junho de 1975. Destacou-se como professora e jornalista, tendo militado no

extinto *Diário do Povo*, de propriedade do seu esposo, o escritor Jáder de Carvalho. De sua autoria são os livros: *Coração do Tempo* (1964), *A Vida em Contos* (1964) e *Crônicas* (1976), o primeiro publicado pela Ed. Instituto do Ceará e o último pela Editora Terra do Sol.

Heloneida Studart é natural de Fortaleza (09 de abril de 1925). Tem atuado como jornalista e como uma das líderes do movimento feminista brasileiro. Foi Deputada à Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. De sua autoria são os romances: *A Primeira Pedra* (1955), *Diz-me o Teu Nome* (1956), *A Culpa* (1964), *Deus Não Paga em Dólar* (1968), *O Pardal é um Pássaro Azul* (1975) e *O Estandarte da Agonia* (1981), além de livros de ensaios, entre eles o conhecidíssimo *Mulher, Objeto de Cama e Mesa* (1969).

Natural de Granja (20 de setembro de 1920), Hilda Gouveia de Oliveira tem se destacado como ficcionista, sendo autora dos romances: *Os Sete Tempos* (1971), *Os Distraídos* (1975) e *O Longo Curso do Minuto* (1982), bem como do ensaio: *Estrutura dos Processos Descritivos* (1980). Exerce as funções de Professora do Departamento de Letras Anglo-Germânicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Aos 19 de fevereiro de 1950, nasceu a romancista Nilze Costa e Silva na cidade de Natal, transferindo-se, ainda na infância, para Fortaleza. É técnica de administração do INPS e autora dos livros: *Viagem* (1981), *No Fundo do Poço* (1982) e *O Velho* (1983), todos editados pela Secretaria de Cultura do Estado.

Outro nome que se impõe na literatura cearense, com bastante força criativa, é o da contista, cronista, poetisa e ensaísta Francilda Costa. Bacharela em Letras e professora de língua portuguesa, Francilda é autora de *Encontro Maior* (1980), *O Sótão – Baú de Memórias* (1981) e *Ladrilho, O Chão de Todos* (1982). Trata-se, no caso, de uma das nossas escritoras mais imaginosas, em cujo texto a mordacidade e a erudição aparecem como vetores da sua escritura literária.

De Yolanda Gadelha Theófilo são os romances: *Longa Tarde Sem Manhã* (Rio, Edições O Cruzeiro, 1967), *Instante Dentro do Tempo* (Santa Maria/RS, Editora Palloti, 1972) e *As Acácias Estão Florindo*

(Fortaleza, Editora Henriqueta Galeno, 1977). Também de sua autoria é o livro: *Eu e o Tio Sam* (Rio, Biblioteca do Exército, 1963).

Quanto à ficcionista Sandra Lacerda, autora de *Nada de Novo Sob o Sol* (1967), registre-se ser ela o pseudônimo de Lúcia Fernandes Martins, nascida no Rio de Janeiro, aos 24 de março de 1926, e residente no Ceará, desde 1941. Em 1953, publicou o romance: *Destinos Cruzados* e, em 1971, o livro de novelas: *Janelas Entreabertas*.

No que tange ao ensaio literário, não é menor a participação da mulher na literatura cearense; também nesse campo a inteligência feminina se distinguiu pela sua qualidade. Basta que aqui cite os nomes de Dinorá Thomaz Ramos: *Padre Antônio Tomaz* - príncipe dos poetas cearenses (1950); Vera Lúcia Albuquerque Moraes: *A Arte Poética de Artur Eduardo Benevides* (1978); Aglaêda Facó: *Guimarães Rosa – Do Ícone ao Símbolo* (1982); Noemi Elisa Aderaldo: *Nos Caminhos da Literatura* (1983); e Dulce Maria Viana: *Cara e Coroa* (1983).

A estes, devem ser acrescidos os nomes de Auri Moura Costa: *Misérias da Casa de Detenção* (1968); Beatriz Alcântara: *La Revolte Positive de Simone de Beauvoir* (1973); Regina Fiúza: *O Pão da Padaria Espiritual* (1977); Moreninha Augusto: *Manual da Mulher* (1982); Ruth Abtibol: *Quinze à Luz da Linguística* (1982); e Maria Eurides Pitombeira Freitas: *As Ideias Literárias de José de Alencar: Um Programa Nacionalista* (1984).

No campo da historiografia, especialmente alocada para o registro da nossa produção literária, não podemos esquecer o nome de Maria da Conceição Souza; nem ignorar a reputação das professoras e historiadoras: Zélia Viana Camurça e Valdelice Carneiro Girão, sócias pioneiras do Instituto do Ceará.

E nas áreas do depoimento e das ciências sociais e políticas, merecem referidos os nomes de Luciara Silveira Aragão: *A Ibiapaba no Século XVII e Uma Análise das Suas Condições Socioeconômicas* (1976); Maria Aíra Pinto Paiva: *A Elite Política do Ceará Provincial* (1979); Sinhá D'Amora: *Quarenta Anos de Vida Artística* (1981); Maria Magnólia Lima Guerra: *Aspectos Jurídicos do Uso do Solo Urbano* (1981); Teresa Frota Haguette: *O Mito das Estratégias de Sobrevivência* (1982); Amália Xavier

de Oliveira: *O Padre Cícero Que eu Conheci* (1982); e Rejane Monteiro Augusto Gonçalves: *Lavras da Mangabeira – Um Marco Histórico* (1984).

O número de cronistas, no Ceará, também é expressivo, destacando-se, entre elas, as seguintes escritoras: Ione Arruda Gomes: *Poça D'Água* (1981); Maryse Weyne Cunha: *Contemporização* (1982); Maria Orildes Sales Freitas: *Caminhos por Onde Andei* (1982); Valdelice Alves Leite: *Ao Correr da Pena* (1974), *Contrastes e Detalhes* (1979) e *Mensagens e Acontecimentos* (1983); Angela Marinho: *Mulher no Cio* (1984); e Luiza Correia Lima: *Lavras – Ontem e Hoje* (1984).

Em torno do Grupo SIN de Literatura, gravitaram as poetisas: Lêda Maria e Inêz Figueredo, as quais deixaram os seus nomes e a sua produção na *SINantologia* (1968). Lêda Maria apareceria depois na antologia *Poesia Cearense de Hoje*, organizada por Carneiro Portela (1973).

Já no Grupo Siriará de Literatura, fizeram-se presentes: Marly Vasconcelos, Joyce Cavalcante, Fernanda Teixeira Gurgel do Amaral, Lydia Teles e Maryse Sales Silveira, a última poetisa e a penúltima autora de três livros inéditos, que até agora não sabemos se foram publicados. De Fernanda Teixeira Gurgel do Amaral é o livro de contos: *O Mínimo D'Água* (1978) e o inventário de textos: *Trivial Variado* (1984).

Joyce Cavalcante é, talvez, a mais integral revelação que a prosa de ficção cearense tem destacado, de último, no cenário das letras brasileiras. É autora dos romances: *De Dentro Para Fora* (1978) e *Costela de Eva* (1980), bem como do livro de contos: *Livre & Objeto* (1981).

Outro nome que merece destaque é o de Ana Miranda, nascida em Fortaleza em 1951. Ana residiu em Brasília e mora atualmente no Rio de Janeiro, para onde se transferiu em 1969. Publicou dois livros de poemas: *Anjos e Demônios* (Rio, José Olympio Editora, 1978) e *Celebrações do Outro* (Rio, Editora Antares, 1983).

Na presente resenha, não descemos a maiores valorações (lembrando-se aqui a data referencial da pesquisa: julho de 1984). A abordagem crítica que está a exigir um trabalho desta natureza será objeto de futura investigação, que a esta se seguirá em encadeamento lógico. É o que espero.